

## ARTIGO

# Re-lembranças



A história se serve da memória para evidenciar suas experiências. Assim os humanos fizeram seus registros como razão e palavra. Hannah Arendt, filósofa judia, em seu livro *Entre o passado e o futuro* afirma que o homem vive na lacuna temporal entre o passado e o futuro. O presente é a própria tensão do pensamento, que se movimenta entre o espaço do tempo. Serve-se a autora da parábola de Kafka, que mostra dois adversários, um que o empurra para trás e outro que bloqueia seu caminho, à frente. Ambos o ajudam na luta de um contra o outro, na medida em que os movimentos que impelem para trás ou para frente produzem resultados que satisfazem quem está sob o campo de força de ambos. Esta metáfora da mente humana só pode ser entendida, no campo da disputa teórica, quando se tenta compreender o acontecido: quem luta com quem, e, imaginar que seja possível *saltar fora da linha de combate e ser alçado, por conta de sua experiência, à posição de juiz sobre os adversários que lutam entre si.*

Tomo estas reflexões de Arendt para pensar na luta vivida por um professor universitário que nasceu e morreu no século XX, momento em que seus adversários não eram figuras metafóricas, mas reais, tanto quanto foram reais seus amigos e parceiros políticos. Falo de Sérgio Pires e dos 15 anos de sua morte, neste 30 de setembro de 2005, cuja vida de compromisso e de ação se insere na história da cidade e da Universidade Federal de Santa Maria. Este artigo não busca registrar, apenas seu tempo de ausência; sua presença é maior, quando penso no companheiro, no amigo, no político, no cristão, e, sobretudo no homem de esperança, que não saltou fora da linha de combate, para arbitrar sobre algo, mas se manteve fiel ao projeto de pensar e construir uma Universidade democrática, como um projeto de cidadania.

De 1990 para cá, as conformações do mundo foram muitas. Nações se diluíram, povos foram condenados ao extermínio por guerras articuladas pelo pensamento único, mas avanços

democráticos ocorreram, expressando a tensão de um conflito que só pode ser entendido no horizonte dos caminhos da humanidade.

No Brasil, o projeto de uma Universidade autônoma não foi sepultado; ainda não se conseguiu esta autonomia, mas não se desistiu da luta política. É verdade que os governos de Collor para cá não foram atentos aos apelos do movimento docente, ainda que de um modo ou de outro tenham feito discursos acerca da importância de qualificar quadros, para acelerarem o processo de desenvolvimento.

Compareço, no entanto, fazendo um registro de memória e de saudade, como testemunha que sobreviveu e acredita que não se contará a história da UFSM, sem referência a Sérgio Pires. São re-lembranças, que retornam como o movimento cíclico da vida. A saudade tem um componente de justiça, que se traduz no recordar sua história de militância,

evidenciando a tensão entre o passado e o futuro.

Falo de um lugar de afeto, sem ressentimentos, desejando expressar que vejo, com alegria, antigos companheiros continuarem a buscar o que ainda não foi conquistado. Esta é uma fidelidade necessária para que a política e a história se reencontrem.

A curta trajetória de Sergio Pires significou todo seu despojamento, generosidade, coerência, obstinação pela justiça e indignação diante da violência dos poderosos. Penso nele como um homem que desejou muito pouco, apenas que todos tivessem as mesmas oportunidades e que pudessem ser felizes. Esse foi o sentido de sua vida desde moço até seu momento final.

Para nós, sua família, Sergio Pires é energia presente. Nesses quinze anos, a nossa vida teve a intensidade da esperança que partilhamos com ele. Vivemos a luta dos personagens de Kafka, empurrados para trás e impelidos para frente. Não sucumbimos, pois como diz Albert Camus: *Não há vergonha em desejar a felicidade.*

**“No Brasil,  
o projeto de uma  
Universidade  
autônoma não foi  
sepultado”**

**CECILIA PIRES**

Professora aposentada do curso de Filosofia da UFSM. Leciona na pós-graduação em Filosofia da Unisinos

## DICA CULTURAL

## FILME

Filme: **Machuca (DVD)**

Quem viu? **Diorge Konrad\***



No Chile de 1973, Gonzalo Infante, filho de classe média, estuda em um colégio elitista católico dirigido pelo padre McEnroe, inglês progressista que decide pela inclusão na escola de alunos carentes, entre eles Pedro Machuca. Separados pela diferença de classe, um apresenta o seu mundo ao outro, enquanto explodem seus conflitos e de suas famílias. Neste contexto, avança o Golpe Militar.

*Machuca* é o nome de um personagem e uma alusão ao trauma histórico da Ditadura Militar e seus milhares de desaparecidos políticos, trauma que persiste até hoje.

Desde *Chove sobre Santiago* de Helvio Soto (1975) e *Missing: Desaparecido* de Costa-Gavras (1982), não havia tão contundente e humana leitura cinematográfica caseira do Golpe Militar. Dirigida por Andres Wood, faltava *Machuca* para romper com o silêncio e o esquecimento.

Considerado por muitos como o melhor filme chileno de todos os tempos, dedicado aos “meninos de ontem”, deve ser visto pelos jovens de hoje.

*Machuca* coloca em novos patamares o cinema político da América Latina. Sem perder a ternura e a arte, endurece na reflexão crítica sobre o passado nem tão distante e o fim da experiência democrática da Unidade Popular, no Chile de Salvador Allende.

Sem ter passado nos cinemas de Santa Maria, como se tornou praxe para obras do gênero, o filme saiu agora em vídeo e DVD no Brasil. Uma oportunidade para ver em casa o que nos impedem de ver na telona das salas da cidade.

(\* Professor do Departamento de História da UFSM)